

NAS TRILHAS DAS SOLIDÕES DOS VELHOS NO TEMPO PRESENTE

Por Carlos Alves

*Certas conversações duram tanto tempo, que não sabemos mais se ainda fazem parte da guerra ou da paz. A experiência da Velhice é hoje de uma extrema solidão. Mas ninguém sustenta, esta é, relegada, depreciada, zombada, cortada pelo poder, deportada para fora de qualquer interesse social. Nada mais lhe resta senão o seu lugar de solidão? Historicizemos esses lugares de enunciação. As páginas que se seguem pensarão sobre a experiência da solidão na velhice, levando-nos a buscar a fabricação dessa subjetividade, a partir de enunciados orais, na cidade de campina Grande. Antes de tudo, fique-se claro que, ao buscar a experiência da solidão, não a tomaremos como uma experiência determinista para os mais velhos, por acreditarmos na experiência do Fora, como um plano de resistência à solidão... Resistência no sentido de encará-la, e transformá-la. Um dos sofrimentos para os que estão envelhecendo é perceber que não há ninguém que os acompanhe nessa nova fase. *Eles falam sobre a morte e os outros logo desconversam. "bobagem, você logo estará bom..."*. E eles então se calam, mergulham no silêncio e na solidão, para não incomodar os vivos. Só lhes resta caminhar sozinho para o fim. (Cf. ALVES, 2001, p.75)*

A experiência do Fora constitui um espaço de força criativa, esta força não vem de dentro, mas também não espera do mundo exterior a oportunidade de acontecer, é uma força do Fora, de um plano imanente, uma força que está para além do complexo poder-saber, esta força vem desse Fora e só a ele retorna, afinal de contas é o nosso duplo é a linha do Fora, e é essa linha que dobramos, e não cessamos de dobrar quando nos interessa criar outros estilos de vidas. A subjetivação é a operação que dobra o Fora, mas não tomemos esta operação como um abrigo, um lar, um quarto, um teto onde corremos para nos proteger da tempestade, esta operação é o caminho

de enfrentar a linha (Solidão) e de cavalgá-la: talvez se vá à morte, ao suicídio (Cf. DELEUZE, 2006, p. 141). Precisamos descobrir, como e para onde as experiências se prolongam, como elas funcionam e para o que servem, quais as engrenagens que põem em movimento, as suas linhas de fuga.

Só escrevemos a partir de uma pressão do Fora. A partir do instante em que a nossa escrita coloniza relatos, cartas, bilhetes de velhos, embora fazendo referência as suas solidões, nada mais já é do que um Fora; em signos, em significados, em letras, em páginas, em linguagem, em monumentos de papeis, que dobramos ou não. A operação historiográfica que escreve sobre o percurso dessas solidões, tratará de subjetividades esfrangalhadas, fragmentadas, assim sendo esta operação romperá a forma de uma unidade de qualquer essência do SER da solidão dos velhos. Escrevo sobre solidões de velhos para dobrar o Fora, *assim como faz o navio com o mar* (Cf. CORAZZA, 2006, p.28). Fazer da solidão uma experiência do Fora, agindo sobre forças, resistindo a velhas potências, fabulando novas potência para assim entender como pode a velhice tornar-se um querer-vir-a-ser-solidão. A cultura diz: *‘Dá-me teu corpo e eu te dou sentido, faço-te nome e palavra do meu discurso’* (Cf. JOSGRILBERG, 2005, p.51). As estratégias tomadas pelas operações que tratam da organização dos espaços sociais, tem como principal procedimento a exclusão do outro, em nossa sociedade geralmente as pessoas que viveram mais de 60 anos são convocadas a ocupar este lugar, de excluído, de outro. No ocidente a escrita tem um poder estridente de encarnar suas leis: corpos de adjetivos, (No Marrocos eles não costumam usar adjetivos, eles nem destrói nem lisonjeia o imaginário. *Ele suporta mal toda imagem de si mesmo, sofre ao ser nomeado (...) uma relação que se adjetiva está do lado da imagem, do lado da dominação, da morte VELHO, NÃO SERVES MAIS!*) (BARTHES, 2003, p.55): textos de carne e osso, corpos que produzem um texto! Corpos que quando jovens são a imagem da própria vida, brilhantes, coloridos, tudo é justificativa para sua existência se constituir como um ser de estética. Mas quando se passam alguns anos as cores vão se diluindo,

criando tons mais acinzentados, onde a tela da vida passa a ser pintada de ilusões. Nada mais lhes restam senão gritar de solidão?

Em alguns países da Ásia e África os sujeitos de mais idade são valorizados posto que são significados como mestres da vida por possuir sabedoria acumulada em virtude do longo tempo que já viveram, nessas sociedades é construída uma *parrhesia*, ou seja, uma coragem da verdade, uma vontade de Ser, um falar francamente que não é lógica nem lei é ética de existência, liberdade de falar e ser francamente velho. Assim como na lenda Grega de Ariadne e Dionísio, onde nesta, a amada de Dionísio morre e ele continua a viver, mesmo sofrendo, pois este sentia paixão em viver, ele certo estava que o que aconteceu, aconteceu para sempre e nada poderia mudar, o que aconteceu é afirmado por Dionísio mesmo em face da mais cruel dor, o que aconteceu, aconteceu para a eternidade. A vida para Dionísio é santa por si própria deve ser motivo de afirmação, de *parrhesia* de coragem de falar e encarar francamente, pois o presente é o eterno retorno!

Nessa pesquisa além de trabalhar com as Solidões na velhice que é o nosso objetivo primeiro, trabalharemos também com aqueles idosos que constroem para si um campo distinto da Solidão, um espaço diferenciado, uma *parrhesia*, um enfrentar a si e ao outro, nesse segundo objetivo procuraremos entender que planos éticos constroem para si ou se, se instalam num já construído, plano assegurador de sua existência autônoma, responsável pela fuga da solidão, arte de viver francamente, dobrando o Fora, recriando-se nele próprio.

A velhice: tardes chegando, apresentando fluxos de adeus, pensamentos de solidão, silêncio falante, lembranças de parentes, e outros. Voltando para casa ao ascender as luzes olha em volta e ver só um vazio, o terror da noite, trancam-se em casa, presos em gaiolas onde muitas vezes só a morte pode libertá-los, porque aí não estamos falando de corpos engaiolados, mas de almas, e estas, geralmente, só a morte liberta. *Mais perturbadores que os espelhos são as fotografias. O espelho só conhece o presente. Não tem memória. Não consegue “salvar” imagens. Retirando o*

rosto, a imagem desaparece. As fotografias ao contrário são imagens congeladas. (ALVES. Op. Cit. p.36)

A fotografia para Barthes é o espaço onde encontramos a imagem da morte. Colocando lado a lado o rosto que antes era com o que hoje é, o antes e o depois nos impõem uma comparação que faz sofrer. O medo de morrer, nostalgia que acompanha a foto, a vontade de chorar diante da beleza que se foi, desespero ao ver a velocidade com que passa o dia. O findar do dia é como o findar da vida. No processo de subjetivação outros ao envelhecer preferem se desmemoriar um pouco, (ver menos fotografias) procurando ver beleza no tempo presente mesmo correndo o risco de ser considerado louco: *vá visitar os ipês. E diga-lhes que eles tornam o seu dia mais belo. Eles nem ouvirão e nem responderão. Estão muito ocupados com o tempo de amar, que é tão curto. (ALVES. Op. Cit. p.49)* Portanto, pensaremos na produção das solidões na velhice, e também nas tecnologias de si, como os sujeitos depois de velhos conseguem transformar as suas vidas tal qual uma obra de arte a desempenhar, desenvolver... Em curtas palavras é um projeto sobre o sujeito idoso e sua relação com a solidão; com a vida... Como se fábrica está solidão e como ultrapassar essa linha, esse limite?

O código Penal Brasileiro no seu artigo 96 prescreve pena de prisão de seis meses a um ano e multa para aquele que discriminar pessoas idosas, ou impedir seu exercício de cidadania, ou seja, prever pena de prisão para aquele que desdenhar, humilhar, discriminar por qualquer motivo inerente a idade.

O núcleo psicossocial do Ministério Público (NUPS) realizou balanço em Janeiro de 2007, em Campina Grande e diagnosticou casos de maus-tratos envolvendo, com freqüência, idosos nesta cidade. Este problema não é inerente apenas a idosos que pertencem a famílias pobres de Campina Grande, verifica-se problemas semelhantes em famílias que possuem um bom poder aquisitivo, informou Antônia Lacerda dos Santos, assistente social do NUPS. Desde sua fundação, há 15 meses, já foram registradas 128 reclamações, sendo 99 por negligências e maus-tratos a idosos e pessoas com deficiência. Entre os casos que mais chamaram a atenção do NUPS está o de

uma senhora, com 92 anos de idade, mãe de dez filhos, que encontrou dificuldades até conseguir alguém que se tornasse responsável por ela. A partir dessas denúncias a equipe do NUPS faz ainda um trabalho com os familiares desses idosos, objetivando conscientizá-los sobre as responsabilidades destes. O NUPS faz anunciar uma descontinuidade nos discursos e práticas não se trata mais de uma disciplina policial, mas de um controle social, educativo, a orientação substitui a repressão. No entanto o caos que a experiência dos idosos traz para esta cidade a qual tem um problema particular com a velhice, é uma questão social a ser resolvida. Cidade que traz uma resistência particular ao antigo, mostrando uma precária utilização do Estatuto do Idoso. No início deste ano, as constantes agressões contra os idosos levou Câmara Municipal de Campina Grande debater requerimento solicitando ao Governo do Estado a criação da Delegacia Especializada de Proteção ao Idoso.

Esta é uma pesquisa que recusa a uma temporalidade linear do presente. O que não se diz ser uma curva metodológica para a sociologia, antropologia ou jornalismo, mas uma opção teórico-metodológica por uma genealogia das práticas de si que interrogue as relações que fazem a experiência da velhice de extrema solidão, assim romperá a mesmidade do presente conectando-o as linhas da história. Em que política da verdade de si as experiências dos idosos são construídas dentro de uma forte solidão? Faz-se necessário historicizar as redes de contingências destas solidões fazendo uma problematização histórica do presente, posto que as solidões são históricas! Uma história genealógica preocupada em fazer aparecer às descontinuidades que dão a velhice toda uma experiência de solidão.

Fazer uma problematização das solidões na velhice a partir de uma história das subjetividades, não nos deixa entender estas solidões meramente enquanto um problema econômico ou sociológico, muito menos como uma noção homogeneizadora e linear de causa e efeito. Pretende-se

uma história que desnaturaliza seus efeitos, **tornado-a possível enquanto um inventário das solidões a partir da velhice em Campina grande no tempo presente.**

Ao tornar-se signo da velhice o sujeito percebe que ausência não é falta, ou seja, não há falta na ausência posto que esta é um estar nele. O sujeito envelhecido parece ter os mesmo sintomas do sujeito amoroso Barthesiano. O que ausente está do seu espaço físico, presente se faz na mente, estando este ausente em estado de eterna viagem, nômade, já o sujeito das solidões, é aquele que lá está imóvel, é sedentário, dependente de um passado, de uma lembrança, *à espera, plantado no lugar, em sofrimento, como um pacote num canto obscuro da estação* (Cf. BARTHES, 2007, p.35). O Velho é aquele que fica, e a ausência pode ser dita só a partir dele- e não de quem partiu- a sua juventude. O velho é sedentário-o jovem é viajante. O velho sustenta o discurso da ausência a partir de sua solidão, o seu passado está ausente, tornando o presente um pedaço de angústia. A solidão segura *a cabeça debaixo da água; pouco a pouco sufoca, o ar se rarefaz* (BARTHES. Op. Cit. p.41) As pessoas que chegam a velhice, para elas é construído um plano de solidão, é como se a vela estivesse se apagando, é um espaço de profunda ausência. E dela, da velhice não conseguimos fugir, é como a geada que chega queimando a uva, é como o tempo que vem trazendo ares de morte, é o sol se pondo, são os dias mais curtos, é memória do rosto que se foi, objeto que só se tem o vazio, é frasco de perfume que só resta o cheiro na memória, é a foto se apagando, é profunda solidão!

Em sua aula inaugural em 1977, Barthes, nos faz anunciar que ninguém se reconhece velho: *percebi então com estupefação (só as evidências podem estupefazer) que meu próprio corpo era histórico*, embora o espelho acione todos os dias que estamos velhos isso demora a ser entendido. BARTHES: *Meu corpo é bem mais velho do que eu, como se conservássemos sempre a idade dos medos sociais com os quais o acaso da vida nos pôs em contacto. Portanto, se quero viver, devo esquecer que meu corpo é histórico, devo lançar-me na ilusão de que sou contemporâneo dos jovens corpos presentes, e não de meu próprio corpo, passado.* Sugere Barthes que se deve

esquecer o passado, para se renascer, fazer-se mais jovem do que é. *Com cinqüenta e um anos, Michelet começava sua vita nuova: nova obra, novo amor. Mais idoso do que ele (compreende-se que esse paralelo é de afeição), Barthes diz também entrar numa vita nuova, marcada por um lugar novo, nova hospitalidade. Empreendo, pois, o deixar-me levar pela força de toda vida viva: o esquecimento* (Cf. BARTHES,1978,p.45).

É preciso um gesto, para se descobrir velho, afirma Rubem Alves ao entrar no metrô.

Eu também ia seguro de mim mesmo, até que olhei nos olhos daquela moça e ela olhou nos meus... (...) Era uma jovem. Nossos olhos se encontraram e seu olhar não se desviou. O que é raro. Quando olhos desconhecidos se encontram, eles procuram se defender por meio de um movimento automático: o olhar silencioso do desconhecido é sempre sinistro. Mas os olhos dela não tiveram medo. E chegaram mesmo a sorrir discretamente. Senti-me como Narciso. Eu me via refletido naqueles olhos como Narciso se viu refletido na água da fonte. Minha imagem estava bonita. Aquele sorriso era a garantia de que ela via beleza em mim. E isso é tudo que Narciso deseja - olhos que digam: “como você é belo”! E assim fiquei, suspenso naquele momento romântico, tomado de felicidade (...) Foi então que ela falou. Não disse coisa alguma. Fez um gesto que dispensava palavras. Simplesmente levantou-se e me ofereceu o seu lugar... E a bolha mágica de felicidade em que eu me encontrava estourou, pelo toque de um gesto de gentileza... Miserável gentileza! Eu teria preferido uma grosseria! De fato, a imagem que ela via era bela. Mas que bela: era terna. Gostara de mim. Seu gosto era uma declaração de amor, quase um abraço. Mas a beleza que ela vira não era a beleza que eu desejava. Ela me amara por uma beleza que não era aquela que meu desejo queria ver. Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar uma outra, também bela, mas de uma beleza diferente: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono.

Ela, jovem, bem podia continuar sua viagem de pé. Mas eu minhas pernas deveriam estar cansadas de muito andar pela vida. O que teria ela sentido ao me ver? Saudades do pai já morto? Nostalgia pelo avô? Minha beleza estava pintada com cores crepusculares. Tudo isso foi dito naquele segundo quando ela me obrigou a sentar-me em seu lugar, com o seu gesto irrecusável. (ALVES. Op. Cit. p.18.)

Na citação acima percebemos um sentimento de impossibilidade, de uma juventude ausente, já no texto “Pior Velhice” de Espanca, percebemos um outro tipo de subjetividade: bruta solidão- *sou velhinha e triste. Nunca o alvorecer dum riso são andou na minha boca! Gritando que me acudam, em voz rouca, Eu, náufraga da vida ando a morrer! (...) Tenho a pior velhice, a que é mais triste, Aquela onde nem se quer existe lembranças de ter sido nova outrora* (Cf. ESPANCA, 2007, p.32). Para tentar entender os processos de subjetivações que levam os mais velhos a uma experiência de extrema solidão, precisamos esquecer um pouco as determinadas formas do saber como também das regras coercitivas do poder, *mas regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida* (DELEUZE. Op. Cit. p. 123.) (mesmo a solidão faz parte delas) Quais são as linhas que estes velhos estão compondo para suas existências?

Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*, nos leva a fazer a seguinte reflexão: os velhos em nossa sociedade servem para lembrar, e lembrar bem, os velhos são homens e mulheres que já não são vistos como ativos dentro de um sistema social, e a sua função na visão de Bosi é tornarem-se a memória da sociedade e basta! *Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem* (BOSI, 2004, p.63), posto que os jovens não se ocupam e nem tempo tem para lembranças, os jovens têm como função social produzir; as lembranças são para velhos, caixas, túmulos de recordações, águias da solidão! Como a memória não é algo que se tenha um lugar de importância em nossa

sociedade acaba-se por haver uma desvalorização e esquecimento por estes que compõem essa nova etapa da vida. Muitas vezes a vida que restam a estes são lembranças decapitadas, de algum belo jardim que viveram. Depois dos 60 anos seus lares são jardins de suplícios (um asilo, uma casa para idosos!), à *deriva, perdidos num mundo que dele não pode sair, chave da fechadura quebrada*, suas falas perderam o efeito de verdade. Um mundo sem filhos, sem família, sem tudo aquilo que sempre tiveram, e que agora só cabe no campo da memória, que talvez seja o querer ser o que já não é, deixando o vir-a-ser, aranhando um bocado de dor com a solidão! *E ser-se novo é ter-se o paraíso/É ter-se a estrada larga, ao sol, florida, Aonde tudo é luz e graça e riso!E os meus vinte e três anos... (sou tão nova!)/Dizem baixinho a rir: "Que linda a vida...! Responde a minha dor:"que linda a cova!"*(ESPANCA. Op. Cit. p. 27). É da genealogia dessas práticas de solidões na velhice que este trabalho tratará. A *genealogia das práticas de si* possibilitará trabalhar também como a velhice é usada a partir de memórias, fragmentos, vidas, amores, passado, para instaurar um trabalho de si sobre si, de uso como arte, e não só como dor, saudade, solidão!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Francesco Paolo. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. IN. **Foucault a Coragem da Verdade**. Organização: Frédéric Gros. São Paulo: Parábola, 2004

ALVES, Rubem. **As Cores do crepúsculo: A estética do envelhecer**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2002.

ARTIÉRES, Philippe. Dizer A Atualidade: O trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. IN. **Foucault a Coragem da Verdade**. Organização: Frédéric Gros. São Paulo: Parábola, 2004

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a Crítica do Sujeito**. Curitiba: editora da UFPR, 2001

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Incidentes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

_____. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Roland Barthes Por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003

BLANCHOT, Maurice. **Foucault Como o Imagino**. Lisboa: Relógio d'água, 1987

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A invenção do cotidiano: Artes de Fazer**. 7ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1994.

CORAZZA, Sandra. **Artistagens: Filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. & SILVA, Tomaz Tadeu da. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Labirintos da Pesquisa, diante dos ferrolhos**. IN. **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

_____. **Os Cantos de Fouror: esrileitura em filosofia- educação**. [Em versão digital], 2007

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: 34, 2006.

ESPANCA, Florbela. **Sonetos**. São Paulo: Martin Claret, 2007

_____. **Afinando Desconcerto: contos, cartas, diários**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. IN. **Microfísica do Poder**. 8ed. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____ A vida dos homens infames. IN. **Estética, Poder-Saber**. Organização e seleção dos textos: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Editora forense Universitária, 2003. Coleção Ditos & Escritos IV.

JORGE, Larrosa. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autentica, 2004

JOSGRILBERG, Fábio. **Cotidiano e Invenção: os Espaços de Michel Certeau**. São Paulo: Escrituras, 2005

LUCARINY, José Guilherme Dantas. **A Morte de Deus E A Morte Do Homem No Pensamento De Nietzsche E de Michel Foucault**. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro:UERJ, 1998.

PEREIRA, Auricélia Lopes. **Fluxos de Vida/ Textos de Rua: Passos mendicantes a tecer histórias de astúcias e dor**. Projeto (Doutorado em história). Pernambuco: UFPE, 2005.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. São Paulo: Record, 2003

VEYNE, Paul. **O Inventário Das Diferenças: História e Sociologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

Carlos Alves (Paraíba)

carlosalvesbrazil@hotmail.com

Estudante de História e Ensaísta.